

CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOS ALUNOS DO CAMPUS DE TOCANTINÓPOLIS¹

Autor: João Batista de Jesus Felix
Prof. Dr. em Antropologia Social
Universidade Federal do Tocantins – Curso de Ciências Sociais
Co-autor: Uvanderon Vitor da Silva
Prof. Ms.
Universidade Federal do Tocantins – Curso de Pedagogia
Cristiane de Oliveira Rosa
Membro-Fundadora do NEAF/UFT

RESUMO:

Este projeto se propõe investigar o processo de construção da identidade dos discentes dos cursos de Ciências Sociais, Educação do Campo, Educação Física e Pedagogia, do Campus de Tocantinópolis, da UFT. Esta preocupação surgiu diante do fato de que os dois Censos Acadêmicos da UFT nos revelaram que uma grande parcela dos alunos optou por se identificar como “pardos”. Fomos desperto para esta pesquisa ao constatarmos que alguns alunos que se identificaram como “pardo” não estavam querendo nenhuma aproximação com a “negritude”. Muito pelo contrário, ao tomarem conhecimento de que eram considerados “negros” não concordavam com tal posição. A ideia não é deslegitimar, nem a posição do MNU/IBGE, nem as dos alunos, mas sim entender o uso que está havendo da categoria “parda”. Num segundo momento pretendemos ampliar este estudo para outros *campi* a fim de contribuir na discussão sobre Ação Afirmativa, tão em voga em nosso

Justificativa

No Brasil, atualmente existe um Estatuto de Igualdade Racial, aprovado pelo Congresso Nacional. Uma das principais propostas presente neste Estatuto é a utilização de Cotas para alunos “negros” e “mestiços”, mais conhecidos como “afrodescendentes”, nas Universidade Federais.

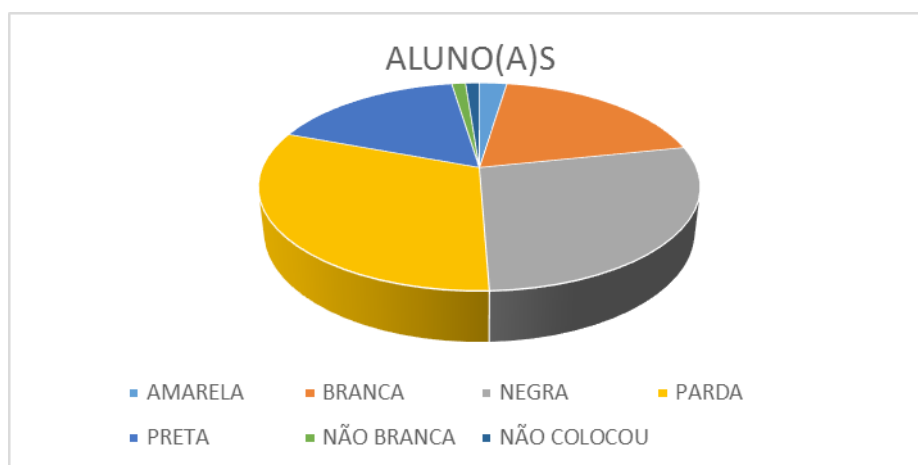
Atualmente há várias Universidades públicas que já estão aplicando uma política de cotas, no intuito de aumentar o seu contingente de alunos “afrodescendentes”. Em muitas Universidades se discute a aplicação, ou não de uma política de cotas. Todavia, a UFT – Universidade Federal do Tocantins, baseado em seu Censo Acadêmico pode afirmar que não precisa desta Ação Afirmativa, porque a maioria de seus alunos são “negros” ou “pardos”. Desta forma, a pesquisa tem como principal objetivo verificar o quanto os argumentos da UFT são válidos ou não.

¹ Projeto de Pesquisa Acadêmica

A coleta dos dados, desta pesquisa, foi feita pelo(a)s discentes da disciplina “Seminário de Pesquisa II”, do curso de Pedagogia, do segundo semestre de 2016. Como uma atividade prática. Estamos tabulando os dados para futuras análises mais aprofundadas. Neste momento vamos apresentar algumas das informações já tabuladas.

A nossa pesquisa abrangeu os cursos existentes no campus de Tocantinópolis, que são: Pedagogia, com 41; Educação Física, com 19; Ciências Sociais, com dezoito (18) e Educação do Campo, com 5² entrevistados. Neste sentido, os resultados obtidos é uma visão panorâmica do campus, não nos dando condições para emitirmos opinião sobre cada curso, em particular. Podemos afirmar que, talvez possamos nos aprofundar somente no curso de Pedagogia, que é o mais antigo e mais consolidado e, conseqüentemente, foi o com maior quantidade de pesquisados.

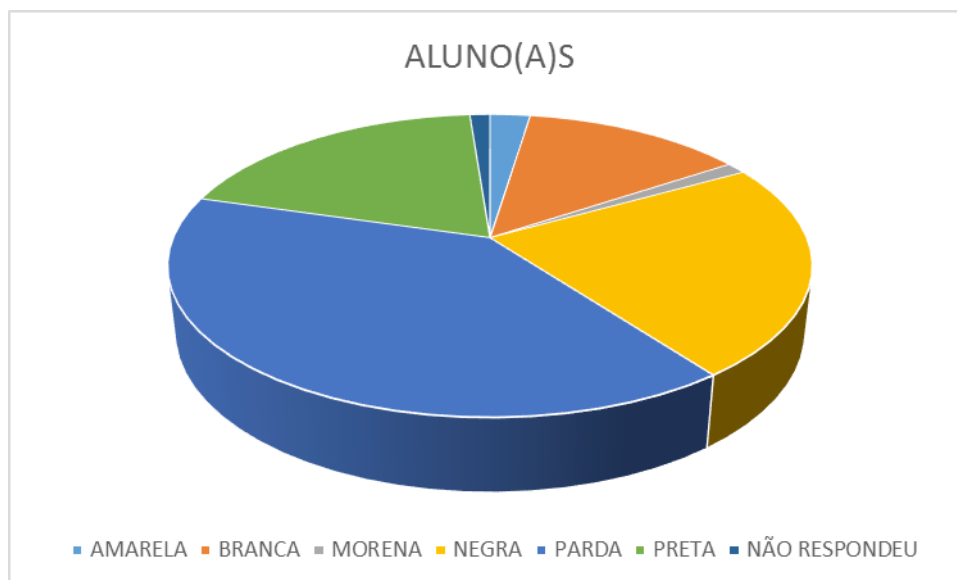
Mas vamos aos nossos levantamentos. Inicialmente solicitamos que nosso(a)s entrevistadore(a)s indicassem a cor dos pesquisado(a)s, sem que os mesmos interferissem. As posições dele(a)s foram as seguintes: vinte e seis (26) eram pardas, perfazendo 31,32%; vinte e três (23) negras, 27,72%; dezesseis (16) brancas, 19,28%; quatorze (14) pretas, 16,86%, duas (02) amarelas, 2,4%; uma (01) foi indicada como não branca e uma (01) não foi identificada, com 1,2% cada.



Quando solicitamos que nosso(a)s pesquisados informassem quais seriam as suas cores, obtivemos os seguintes dados: trinta e três (33) afirmaram que sua cor era parda, perfazendo 39,75%; dezenove (19) se identificaram como negra, 22,89%;

² O curso de Educação do Campo é do tipo Alternância, neste sentido, no período em que esta pesquisa foi aplicada os seus discentes não tinham aulas. Os entrevistados são moradores das cidades que frequentam o campus.

dezesesseis (16) falaram preta, 16,27%; onze (11) disseram branca, 13,25%; dois (02) se apontaram como amarela, 2,4%; um (01) disse morena e um (01) não respondeu, com 1,2% cada.



Também decidimos perguntar aos pesquisados como seria a sua cor para o IBGE, neste quesito obtivemos as seguintes respostas: quarenta (40) responderam que seria parda, 48,18%; vinte e oito (28) que seria preta, 3,73%; quatorze (14) branca, 16,86% e uma (01) amarela, 1,2%.

Levando em consideração a metodologia do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), devemos juntar as cores negra, parda e preta, considerando como um só grupo, aqui chamaremos de negra. Nestas condições, para nosso(a)s pesquisadore(a)s 75,9% dos entrevistados são considerados negros, 19,20% são brancos, 2,4% são amarelos. Quando levantamos as respostas dos pesquisados tivemos os seguintes resultados: 81,92% ficaram no grupo negros, 13,25%.

Estes levantamentos trazem algumas informações interessantes, tais como, nenhuma das cores mantem a mesma quantidade, algumas aumenta, em detrimento de outras, a mais citada é a parda, que 31,32% na visão do(a)s pesquisadore(a)s, 39,75% quando levamos em conta a opinião do(a)s discentes e pula para 48,19, quando perguntamos sobre qual seria a cor definida pelo IBGE. A cor branca flutua entre 19,20% na visão do(a)s pesquisadores, caindo para 13,25% quando vale a auto identificação, indo

para 16,86%. Este fato nos mostra quando analisamos a cor parda percebemos visivelmente que a visão dos pesquisadores e dos discentes são bastante próxima, mas ao serem inquiridos sobre o IBGE, a posição muda grandemente. Já quando falamos da cor branca, podemos notamos que para os pesquisadores temos uma predominância da branca, o que diminui cinco pontos quando temos a auto identificação e ocorre um aumento quando devemos levar em consideração o IBGE, ou seja, alguns que não se auto identificam como brancos, entendem que o IBGE assim o trata.

Ainda não tivemos tempo para aprofundar nossas análises. Ainda poderemos ver a cor dos genitores, para sabermos como este fenômeno ocorre entre nossos discentes, quando levamos em conta as suas descendências.

A construção da identidade étnica é situacional e política, as pessoas escolhem assumir a sua posição de acordo com as condições a que elas estejam. As desigualdades, que resultam em preconceitos, em discriminações e racismo, faz com que muitas pessoas procurem se afastar da cor que possa lhe prejudicar, mas não podemos descartar a possibilidade de uma aproximação para demonstrar solidariedade.

Tivemos seis cores neste levantamento, que foram amarela, branca, morena, negra, parda e preta. O IBGE já teve cento e trinta e seis (136), este fato demonstra que houve um processo de consolidação de algumas cores, pelo menos neste nosso público. Precisamos saber o que pode significar este fato. O que fez com que estas pessoas diminuíssem bastante suas opções de identificação pelas cores?

Esperamos que esta pesquisa nos traga informações sobre o que podemos concluir sobre a constituição das identidades dos discentes do campus de Tocantinópolis. Estamos no início de nossos estudos, ainda esperamos aprofundar bem mais as nossas análises dos dados levantados. Ao apresentarmos este início de trabalho neste Fórum Internacional de Pedagogia é conseguirmos algumas contribuições para o desenvolvimento de nosso estudo. Entendemos que através desta pesquisa estaremos dando mais um subsídio nos estudos sobre construção da identidade étnica em nosso país.

Bibliografia

BARTH, Fredrick. 1969, *ETHNIC GROUPS AND BOUDARIES: The Social Organization of culture difference*. Bergen-Oslo, Universitets Forlaget.

BERRIEL, Maria Maia de Oliveira. 1988, *A IDENTIDADE FRAGMENTADA: as muitas maneiras de ser negro*. Tese de Doutorado defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, no Departamento de Antropologia Social da Universidade de São Paulo (em Xerox).

BANTON, Michael. 1977, *A IDÉIA DE RAÇA*. Lisboa, Edições 70.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. 1977, *IDENTIDADE E ETNIA: construção da pessoa e resistência cultural*. São Paulo, Brasiliense.

COHEN, Abner. *O HOMEM BIDIMENSIONAL*, Rio de Janeiro, Zahar editores, 1978.

CUNHA, Manoela Carneiro da. *NEGROS, ESTRANGEIROS: os escravos libertos e sua volta à África*, Editora Brasiliense, 1985.

DUNN, I. C. e outros. 1960, *RAÇA E CIÊNCIAS II*. São Paulo, Editora Perspectiva.

POUTIGNAT, Philippe / **STREIFF-FENART**, Jocelyne. *TEORIAS DA ETNICIDADE*, Editora Unesp, 1998.

SANSONE, Livio. *NEGRITUDE SEM ETNICIDADE*, Palla, 2004.